

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.^o Ozório Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

2.^o ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1500 rs., semestre 750 rs.—aviso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida a administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão, N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 54

BRAGA

SABBADO 27 DE JANEIRO DE 1883

AOS LEGITIMISTAS

É necessario que para a nova vida do partido legitimista elle busque fortalecer-se quanto convem ás circumstancias actuaes e futuras da politica.

Ter boa vontade, aspirar a um triumpho, não basta. O trabalho bem ordenado, a sensatez, a disciplina, a união, são os principaes elementos que o nosso partido deve zelar em todos os seus actos, e a todos os momentos.

Em quanto uma sabia organização, que está em elaboração nas altas regiões do nosso tempo, se não torna practicamente efficaz, cumpre a todos tomar o seu posto, onde possa ser util no momento em que a voz do mando se fassa ouvir.

Segundo o que se afirma, o governo pretende levar a cabo reformas politicas, que o criterio de influir importantemente na vida da nação. Tocam ellas pontos de subido alvoroço, que não poderão certamente deixar de merecer a attenção do nosso partido.

Não é caso resolvido ainda se o partido legitimista tomará ou não parte na proxima luta da urna; contudo, isto não obsta a que sem perda da oportunidade, cada um dos nossos correligionarios não re-

quisente busque fazer-se inscrever como elector, e bem assim fazer incluir no respectivo recenseamento todas as pessoas da obra sua dependencia, ou em quem possam influir uma vez que estejam no caso da lei.

Segundo a Carta de Lei, de 18 de maio de 1878, podem ser incluídos nos recenseamentos todos os individuos de maior idade que souberem ler e escrever, contanto que assim o requeram ás respectivas commissões de recenseamento até ao dia 14 de fevereiro proximo, em petições escriptas pelo proprio punho do solicitante, assignadas e reconhecidas pelo tabelião, nos termos prescriptos no artigo 2436 de código civil, isto é, que a assignatura seja feita perante o tabelião e na presença de duas testemunhas.

Os requerimentos, replicas, etc., devem ser feitos em papel commum.

Os chefes de familia só por este facto, tem direito a serem inscritos no recenseamento, e são considerados como taes, segundo a lei, aquelles individuos, que, ha mais de um anno, viverem em commum com qualquer seu ascendente, descendente, irmão ou sobrinho, ou com sua mulher, e occorrerem aos encargos da familia: presume-se que é chefe de familia o ascendente, tio ou irmão mais velho.

A inscripção de qualquer individuo no recenseamento, na qualidade de chefe de familia tambem deve ser solicitada á commissão pela mesma forma acima referida, com a differença porém, de que o requerimento não é reconhecido mas sim attestado pelo rev.^o parcho e regedor da parochia onde residir, no qual attestado se declararará positivamente, que é chefe de familia.

Nestes termos da lei já cada um sabe o que deve fazer. Não se desleixe o movimento propicio de prever necessidades futuras, que mais tarde não poderão ser remediadas.

Para tal effeito não é necessario que os chefes do partido vão bater ás portas de cada um dos nossos correligionarios. Quando se tem a consciencia do dever e a razão clara para reconhecer o que convem aos interesses politicos da causa, não se tem necessitam ordens, nem pedidos. Faça cada um o seu dever, e esteja prestes a primeira voz.

AO CONSTITUINTE

Nova descoberta fez o collega do Constituinte á cerca da representação da Associação Catholica, e esta agora cobre os seus signatarios d'um «ridículo estupendo, assombroso infinitamente pedantesco.»

Era aquella representação um documento inepto que não podia interpretar os sentimentos d'uma cidade inteira por ser obra d'uma associação de novecentos individuos, e por isso um documento ridiculo.

Agora o ridiculo e a ineptia sobe de ponto, pois, sabe o nosso collega que «aquele documento meramente particular, é hoje apenas conhecido como pessoal.» Grande poder da investigação, e do amor á verdade. Esta difficil descoberta deu campo ao Constituinte para as largas considerações das suas sete columnas.

«Ah! vai o que nos consta, e o que a opinião publica d'esta cidade, (elle é o orgão) de que nos prezamos ser orgão... ah! vai em conformidade com aquelles dizeres, descoberta a origem da famosa representação que em nome da associação catholica foi publicada em mais d'um jornal d'esta cidade»

«Entre os cavalheiros que dirigem aquella piedosa agremiação houve alguém, de quem somos amigos e respeitadores pelas suas eminentes qualidades, que levado pela sua boa fé, acediu a ser do mais alta conveniência religiosa e social dirigir-se ao Summo Pontifice uma representação do estoffo e da índole d'outras que sob o mesmo assumpto foram já remetidas por outras associações catholicas. Obedecendo aos santos propositos que o determinam em todos os seus actos, recebeu sem reparos um papel qualque, que mandou assignar pelos seus collegas, sem cogitar nem sequer presumir que tal papel poderia envolver responsabilidade. Conseguidas as assignaturas, a representação, que devia seguir o seu destino, sem merecer as honras da publicidade como tem succedido a outros documentos d'aquella agremiação; (e bom é que se saiba, que a associação catholica de Braga entretem correspondencia secreta sobre assumpto ou interesse publico, o que nos parece irregular e contrario ao preceito legal que auctorisa as associações); aquella representação entrou nos prelos, e o publico teve então conhecimento d'ella.»

Não podemos deixar de bater palmas pela magna descoberta do Constituinte! mas já agora queremos auxiliá-lo no seu empenho de castigar fanfarronadas como a da Associação Catholica. O Collega vai ter com esse alguém (talvez o presidente da mesma associação) que levado da «sua boa fé» recebeu sem reparos o tal ridiculo papel e lhe diz:—O meu amigo eu preso muitíssimo o seu bom nome, e não o quero ver diffamado; affirmam-me que abusaram da sua boa fé, obrigando-o a assignar, e fazer assignar pelos seus collegas uma representação da qual não cogitou nem se quer presumiu a responsabilidade que envolvia. Quero lavar o seu nome d'esta infamia e para isto declare-me quem foram os insolentes que o trahiram já que v. exc.^a á sua muito boa fé junta a cobardia de occultar os filtres.»

Se o collega tem a lembrança de se dirigir por esta forma a esse alguém de quem nos falla, então é que os cavalheiros directores d'aquella piedosa agremiação se haviam de ver em papos d'aranha por causa da representação. Não quer fazê-lo ainda?

Então não esteja a suppôr que o presidente e membros da Junta directora da Associação são uns mentecaptos, uns empalmadores de assignaturas, uns falsarios que já deviam habitar n'essa euvia.

Não julge inconveniente mecher na questão que é do dominio publico, porque o Constituinte, como orgão da opinião publica faz o seu dever, e usa d'um privilegio que, co-

mo bem diz nem 9000, quanto mais 900 individuos lhe podem tirar.

«Saiba-se» diz o Constituinte n'outro artigo sobre o assumpto «que não foi a cidade de Braga, nem mesmo a Associação Catholica quem escreveu e approvou tal ineptia...»

«Este caso hade ficar sempre ás escuras, graças á generosidade dos snrs. presidente e vice-presidente da associação, e ao silencio dos interessados.»

Não estamos por isto; tenha paciencia. Queremos luz muita luz sobre a questão.

Não diga «que não apparece ninguém que queira a gloria de ter sido author da representação» por que ella foi assignada por muitos que ainda não reclamaram nem protestaram contra a fraude.

A representação foi assignada pelos membros da direcção e pelo seu presidente e vice-presidentes: se estes ultimos foram empalmados, é bom saber-se quem foram os empalmadores; aliás não mechesse no que pode cheirar mal.

Descobriu que a representação foi apenas unipessoal e que todos os outros signatarios foram burlados pelo esperto author, não pode sem quebra da dignidade de jornalista sizoado e prudente occultar as provas de tal crime.

Vale a pena esmerilhar o que se fez, por que se alguns pretendentes ao baculo foram prejudicados, com a representação, ainda é tempo de mostrar ao sr. Nuncio, ao sr. Julio de Vilhena e ao Papa, que aquelle pedido não foi da Associação Catholica, mas d'um amigo officioso que se deixou empalmar por algum pretendente que tenha certo apoio do sr. Nuncio.

LA PEUR MONT

Fazemos inteiramente nossa a doutrina do excellento artigo do nosso collega da Noção, que vamos transcrever em seguida.

Já bradaram alerta! Já chamam contra a audacia miguelista que em cada dia mais se accentua.

Não nos temem pelo mal que lhes ha-de fazer o nosso governo; porque esse vis to está—jámais voltará; mais porque receiam que fechemos os olhos á luz do progresso e nos lancemos cegamente no caminho da desordem, sendo então necessario reprimir-nos pela força e obrigar-nos a conter pela violencia.

Fanfarronadas quixotescas! Ameaças que nos fazem arri.

«De modo que, escreve uma folha portuense—mais por elles que por nós e acima de tudo pela patria, que só tem a perder com taes discordias, entendemos necessario, preciso, urgente, que a familia liberal tome a attitudde que lhe compete.»

Burlesco! simplesmente burlesco!

Mas não admira: La peur monte!

Todavia, n'esta puchade jornalística, ha um ponto escuro que desejavamos ver em toda a luz:—qual é a attitudde que a familia liberal deve tomar?

«Suspensões de garantias? Lei das rollas? Repressão por meio da força bruta? E a liberdade?»

Em que céu se vai anichar esse astro que nos aquenta com seus raios benéficos?

Desenganae, nobres Quixotes, eia! sus! cobrae animo, porque não teremos o máu gosto de espantar os fogosos corceis que vos ha-de conduzir á gloria.

Acreditaes nos; a nossa missão é muito outra do que pensaes; não queremos derruir queremos assistir á queda! não lancamos o machado á raiz da arvore nem sequer, nos aproximamos d'ella, porque a sua sombra envenena e mata; mas teremos o gosto de a ver cahir, em meio da gargalhada de uns, do pasmo de outros e das lagrimas dos verdadeiros portuquezes, lagri-

mas, não pelo que foi, mas porque o solo fica tão excavado que o architecto terá longas insomnias para construir um edificio de geito.

Mas, custe o que custar, ha-de construir, estae bem certos.

«O partido liberal, dividido e fraccionado, dilgadia-se entre si e dorme o somno dos justos?»

Tanto peor para elle, porque, na phrase biblica: regnum in se ipsum divisum desolabitur; tanto peor para elle, e tanto melhor para a patria.

Para a patria, assim, para a patria que assiste indignada a este festim de Balthazar; para a patria que se vê assoberbada pela miseria, ameaçada pela banca-rota, esphacelada pela immoralidade no governo, pela immoralidade nas leis, pela immoralidade nos costumes.

E' em vão que fazeis um appello ás associações fibraes; a gangrena, quando chega ao coração, mata, e vós estae gangrenados.

Ninguém se illuda: as monarchias illegitimas já tem uma vida além de toda a esperança; e ha-de morrer de podridão.

Os symptomas são bem significativos e esse medo imbecil que se apodera de vós é prognostico infallivel.

Dissemos—medo imbecil, e não detiramos a phrase; por que é imbecillidade apon-tarmos ás multidões como inimigos do progresso e da liberdade; porque é imbecillidade dizer que queremos restaurar os tempos da Inquisição, como se a Inquisição tivesse existido, no tempo em que fomos poder, como se a Inquisição fosse compatível e conveniente no século dezanove!

Não somos inimigos do progresso, do progresso nas artes; nas sciencias; nas letras; na moralidade; nos melhoramentos materiaes; somos inimigos do progresso na deschristianisação, na immoralidade, nos esbanjamentos, nas torpezas.

Queremos a liberdade, a liberdade para o bem; a liberdade justa; a liberdade dentro dos limites da lei, porque não somos servos da gleba, porque somos cidadãos livres.

Creamos gremios, assim é mas dentro da esphera da lei; organizamos-nos, é verdade, reunimo-nos, não para sabirmos a campo, vibrando punhas em forma de cruz, como esses que tem sido phantasiados pela republica de Grévy, mas para aguardarmos a hora, a hora da redempção; a hora que não virá tarde, a hora da paz e da verdadeira fraternidade.

O FIM DA REPUBLICA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o magnifico artigo seguinte, que que publica o jornal L'Univers, e que é digno de ser meditado por todos os espiritos. O que se diz da França, pode-se dizer de Portugal.

Ei-o:

Não é possível duvidar-se: a republica expia na podridão. Os symptomas mais significativos annunciam o fim de uma ordem de cousas, que se durassem mais tempo, arrastariam infalivelmente o paiz a uma ruina irremediavel.

Não é esta a primeira vez que a Republica chega a este estado. J. de Maistre já vira o que nós estavamos vendo. Eis o seu testemunho: «As leis estão sem vigor, o governo reconhece a sua impotencia para as fazer executar: os mais nefames crimes se multiplicam de toda a parte, o demonio revolucionario levanta arrogantemente a cabeça, a constituição é apenas uma teia d'aranha, e o poder se permite os mais horribes attentados. O divorcio fará do casamento apenas uma prostituição legal; não ha freio para o crime, nem segurança para a victude. O povo desmoralisa-se da maneira mais assustadora, e o desprezo da religião, junto á secularisação total de ins-

RELIGIÃO

A PROFANAÇÃO DO DOMINGO

III

Aos olhos de Deus, é grande o homem; tam grande, que, não tendo elle sabido conservar a sua dignidade primitiva, o Omnipotente enviou ao mundo seu filho unigenito para, com o seu infinito sacrificio, o levantar das suas quedas, derramar celesite balsamo sobre as suas feridas, e reerguel-o da sua profunda degradação e desventura.

E que faz o homem ingrato? Seriam necessarias lagrimas de sangue, diz um piedoso auctor, para chorar a degradação d'uma alma, d'um povo que perdeu o sentimento da sua dignidade nativa.

Olvidando, com effeito, quanto deve ao seu Creator; desprezando os remedios infalliveis que Elle lhe efferece para conservar a saúde da alma com a do corpo; desatendendo os saltares preceitos que lhe impõe para lhe servirem de guias e fanaes nas trevas e perigos da peregrinação terrena, o homem ingrato parece compraser-se no mal, e, como supremo insulto á Divindade que odêa ou renega, em vez de lhe dedicar o dia que para si reserva, o gasta e dissipa em trabalhos, serios, com divertimentos frivolos e embrutaes dissoluções!

Esse dia, que devera santificar, é exactamente o que prefere para entregar-se com mais ardor á libertinagem, á crapula, á blasphemia!

Mas esse ente desditoso tem ou não tem uma alma? ou será apenas uma pouca de materia animada, para a qual nada existirá alem da campa?

Ainda que assim fosse, se esse homem é pae de familia, deve ser um bom chefe; se conta numerosos filhos, cumpre-lhe amar e proteger aquelles a quem dera o ser; se, embora não seja pae nem chefe de familia tem estes quem deve querer e que dependem do seu braço, importa que lhes dê incessantes provas de dedicação; se, finalmente, é só e livre, não ha-de recusar o contingente dos seus serviços por minimo que seja, aos seus semelhantes e á sociedade em que vive, e além d'isso manda a lei natural que sustente a vida quanto esteja em seu poder.

Mas como hade fazer tudo isso o homem entregue a vicios que arruinam o corpo, entorpecem o entendimento e abreviam a existencia?

Porem o homem não é só barro; é uma creatura feita á imagem de Deus, e tem uma alma immortal remida á custa de todo o sangue de seu divino Filho. O homem é um ente predilecto, destinado a possuir um dia uma felicidade eterna.

Aquelle que o ignora ou não, o crê, aquelle que esqueceu a sua celeste origem, aquelle que está satisfeito quando pôde, como ser destituido de razão, satisfazer os seus appetites, não é christão, é pagão!

Elle, nobre filho de Deus, nada mais pede que pão para comer, vinho para beber, cama para dormir, tanto para se abrigar, dinheiro para se divertir a seu modo. «Comamos, bebamos, divertamo-nos que amanhã morreremos», diziam os pagãos; e essa é a norma de vida do homem sem fé nem esperanza.

E assim se volta, graças ás doutrinas da impiedade, graças á profanação do dia do Senhor, aos tempos do paganismo, aquellos tempos deploraveis de degradação e aviltamento, a que o christianismo arrancara o homem.

Que bello quadro apresentam as familias, ricas ou pobres, que vivem do seu trabalho quer do seu capital, em cujo seio se observa religiosamente o preceito dominical! Reinam ali a paz, a união entre os seus membros, o affecto e respeito mutuo, a conformidade, a paciencia, aquella intima alegria que dá a consciencia do cumprimento do mais alto e santo dos deveres, o de amar e servir ao Senhor.

Succederá o mesmo onde aquelle santo preceito se despreza? Perguntemol-o á esposa do homem que acima esboçamos. Perguntemol-lhe o que lhe acontece quando faz justas admoestações a seu marido; quando lhe falla dos filhos que não tem que comer nem que vestir! quando lhe falla de si propria tam abandonada e tam infeliz: ella nos dirá que as suas legítimas queixas só provocam accessos de furor, e que tudo quanto obtém d'esse homem, são blasphemias e maus tratos.

Os factos que poderamos citar são innumeraveis.

Aqui um operário, pae de filhos, que re-

cebida a feria, se encaminhara á taberna ou á casa de jogo e não a deixara senão depois de ter gasto tudo, só volta a casa para maltratar a familia e a encher de dis-sabores.

Ali outro, a quem a mulher e os filhos pedem com que mitigar as angustias da fome ou os rigores do frio, os offende indignamente e os põe na rua.

Acolá ainda outro, havendo contrahido habitos funestos que não pôde vencer, acha que vale mais cessar de viver, e recorre ao suicidio.

Mais longe, outro encontrou no seu caminho uma d'essas desgraçadas creaturas em que tanto abundam os grandes centros de população, a qual o domina, faz com que obedeça como um escravo a todos os seus caprichos e cobizas, o impelle não raro a lançar mão de meios vergonhosos e suspeitos para arranjar dinheiro, e quando já nada tem que sugar-lhe, o põe de parte para ir explorar e perder outro...

E se subissemos alguns degraus, se penetrassemos no recinto de tantas familias, burguezas fidalgas, que vivem á paga, presenciariamos scenas ainda mais graves e deploraveis, por que se dão onde a educação e a instrução deveram derramar os seus beneficos.

Qual de nós, que vivemos na sociedade, ignora os horribes cancos que lhe corroem as entranhas, e cuja causa principal é a descrença?

As distracções criminosas, a ausencia do lar domestico, o abandono da familia, os traficos abominaveis, os actos vergonhosos e infames, as tristezas desesperadoras, os remorsos cruciantes, a miserias as dissensões e as lagrimas, seriam tam frequentes, iamoz dizer tam geraes, n'uma sociedade crente, praticamente christã?

Interrogue-se os costumes publicos, os archivos dos tribunaes, as estatisticas dos infanticidios, dos assassínios, dos roubos, dos suicidios, dos crimes de toda a especie que inundam tudo, e ellas dirão o que nós não dizemos e melhor do que nós poderiamos dizer.

O esquecimento, o desprezo do terceiro preceito do decalogo é uma fonte copiosissima de males; porque afastando o homem da igreja onde se acha a pia baptismal em que se purificam as almas da macula original, o tribunal sagrado em que se desaltam das prisões do peccado, a meza santa em que recebem o Pão de vida, o sacramento que se encerra o Ser infinito, lhe adormece a consciencia, lhe mata a vida.

Concluirmos as nossas pobres reflexões sobre este momento assumpto, que penhas competéssimas tem tratado profunda e admiravelmente.

A. Moreira Bello.

MISSÕES

Estes são os homens que impellidos pelo sopro do Espirito Santo, convergiram de remotos concelhos, e, desprezadores dos prazeres do seculo, consagram a nosso Senhor Jesus Christo a sua vida.

As portas do templo, da freguezia de Rio-Caldo, se abriram ás santas missões, que tiveram principio no mez de outubro passado.

É bello contemplar o vehemente alvoroço que sentem os espiritos, onde tem chegado esses poucos homens respeitaveis, que em commum linguagem são chamados missionarios jesuitas, e que nós chamaremos anjos de consolação n'estes dias de atribulada existencia. É bello contemplar, onde mil christãos, simultaneamente, banham de lagrimas a mão abençoada, que lhes ministra o pão dos anjos, o corpo de Jesus Christo, o preço incompreheavel da salvação eterna!

No templo tange o sino da oração. O decrepito exulta no leito de seu entrevamento. «Ide, minha descendencia! — exclama elle com voz quebrada pelos soluços — ide, que eu quero morrer abraçado aos que hão-de pedir pela minha alma.»

Despovoam-se as casas: os fructos são abandonados no campo á Providencia divina. O templo enche-se manhã e tarde. Crescem as multidões de tolas as freguezias circunvisinhas. O povo estupefacto, dizia, que aquelles missionarios eram uns anjos vindos do céu em figura humana, e, caso maravilhoso, houveram bastantes restituções, reconciliaram-se ódios inveterados, as auctoridades tanto ecclesiasticas, como civis são acatadas e respeitadas, corão-lo-se toda a obra da santa missão com a sagrada com-

munhão geral que foi administrada a milhares de pessoas. E' sempre, este o fruto das santas missões.

De todos os nossos padres são, a nosso vêr, os missionarios jesuitas aquelles que mais convertidos chamão a seus pés. O homem que rompe com as maximas do mundo, sente grande jubilo em consummar nas suas mãos o proprio sacrificio; é uma reparação de mais n'esta obra das reparações solemnes, e Deus se apráz sustentar a coragem de seus servos permitindo-lhes absolver seus antigos adversarios.

Eil-os ahí vão pobres como entraram, tão ricos de suas conquistas, tão chorados das multidões, que os acompanham, abrirem braços de pae a outros povos que medram na desventura do passado.

Curvai todos o joelho diante d'estes apóstolos do Senhor, que temem transpor as avenidas das cidades, onde o vosso escarneo é uma insolencia feita a Deus, e a vossa sciencia os apódos ultrajantes dos doutores da Synagoga.

São os missionarios, Senhores, que estão postrados em fervorosa oração ao Crucificado, pedindo-lhe alento, para continuarem a sua missão divina.

«Ide — não temais entrar nas cidades, aonde a luz que parece descer a todos os corações em que desce do céu, encontra em muitos, resistencia pertinaz, negação furiosa e desprezo sacriligo.»

Nem o exemplo das passadas conversões mem o testemunho authenticico de successos maravilhosos, nem a eloquencia dos milagres que, em nossos dias não movem, nem pungem aquelles para quem se operam, conseguiram civilisar corações selvagens, que por ahí blasonam de afiada cultura!

Repugna acreditar: mas é certo que o contumaz espirito do erro não se acobarda, na presença dos respeitaveis triumphos de CHRISTO, e pugna, não como Lucifer, contra a mão de Deus que o despiñára, mas como filho ingrato, contra o espirito de Deus, que o chama por bocca dos seus ministros. O esforço do homem contra o homem essa batalha intima, que alvoroça a consciencia do incredulo, esse afanoso desejo de materialisar os affectos religiosos dos seus semelhantes, revelam a duvida, e não a certeza; o temor, e não a confiança; o tremor das consequencias e não a solidez de principios.

A anciadade do incredulo em augmentar partido; aquella vontade, que elle accusa de acabar com Deus, e com o culto, e com a moral, não serão um brado continuo, que lhe grita na consciencia; DEUS EXISTE. E tantas são as conversões, que por este brado forão feitas! Tantos são os corações orvalhados pelo céu ao sentirem-se morrer na sede de affectos, que a sciencia dos impios não podera mitigar-lhes!... Quantos, buscando um formal desengano do seu destino no estudo dos mestres, que a impiedade divinizara, depa-raram a mentira do impio, a verdade do missionario, a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a divindade de Christo, e a sentença da Eternidade?

Que importa para alguns o exemplo, o toque mysterioso, o abalo inesperado da consciencia, e a desgraça que flagella a sociedade, perdida nos desvios da irreligião?

Pelo que, em volta da Cruz se agrupem milhares de amigos, embora o impio de hontem levante as mãos contrictas á manhã para o Pae misericordioso, o erro tem seduções, a impiedade tem o seu throno e seus compendios doutrinarior.

Seja pois o missionario n'estes dias de agonia, o anjo percutiente, a sua espada venha brilhante e os seus cortes sejam profundos e suaves no coração de todos os ouvintes.

Vós sois os embaixadores de Christo. — Diz S. Paulo. E ha deoito seculos que os sois. Ha sobre a terra um reino divino que pertence a Jesus Christo, herdeiro de David. Rei eterno, carecia de ministros iniciados no seu plano. Foram-no estes homens, que passam entre nós, filhos d'um seculo desvirtuado, e desvirtuador, que os desprezão, mal dizem e espancam.

Mas o embaixador de Christo não tem a recuzar-se das imprecações odiosas dos partidarios de Lucifer. O caracter sagrado, que o faz invulneravel no centro de seus inimigos, deve dar-lhe uma coragem sublime, um espirito de paciencia, uma resignação de martyr. Estas virtudes são a garantia de todos os triumphos do espirito.

«Sois felizes. — Diz O divino Mestre: — quando os homens vos cobrirem de maldições, e perseguirem; e contra nós, por minha causa, vociferarem todo o genero

trução publica, prepara á França uma geração, cuja unica idéa faz horrorizar.»

Os cegos optimistas não sabirão emfim da sua infeliz lethargia? Escutem ainda Maistre: «Em vez de tremer e de mostrar ao povo os males imaginarios que devem resultar de uma mudança, empregai os vossos esforços em lhe fazer desejar a commoção doce e racional e salutar que restituirá o rei ao seu throno e a ordem á França.

Não, vós tendes uma missão mais nobre a cumprir, é a de preparar o caminho ao filho de S. Luiz, dissipando por vossas palavras, por vossos escriptos, pelos mil modos ao vosso alcance, o amalgame de preconceitos, de calumnias, de ineptas necedades, que os sectarios das nossas revoluções tem accumulado contra a monarchia legitima. Fazei conhecer ao povo este príncipe educado na grande escola da desgraça, este rei a quem o poder e as grandezas nunca poderam corromper. Mostra-lhe todos quanto «elle está disposto a tudo emprender para reinar gloriosamente; de que santa ambição elle se acha penetrado.

Que príncipe ha no mundo, que possa ter maiores motivos, maiores desejos, maiores meios de sarar as chagas da França?»

O senhor Conde de Chambord publicou alguns escriptos, nos quaes ninguem deixava de reconhecer os traços de um genio superior, e onde se achava desenvolvido o plano admiravel de um governo verdadeiramente digno de uma grande nação. Estas declarações, estas promessas não são esquecidas, e não serão nunca violadas. Aquelle que outrora poderia reconquistar sua coroa a custo de um equivoco, e que o não quiz, não dá a ninguem o direito de duvidar da sua lealdade.

Então, seguramente, nada era mais seductor do que transigrir com os principios para subsistir ao throno. Parecia tão natural escutar as propostas de accommodações que elle teve n'esse momento muita franqueza e muita nobreza, muita coragem para dizer aos francezes: «Eu espero, eu espero que entreis na razão. Espero a hora de Deus!» Um príncipe tão leal no exilio não será nunca desdeal no throno.

Quando, diremos com Maistre, podeis vós servir ao rei de França, combatendo estes preconceitos, que se estabelecem, não sei como, e que presistem, não sei por que? Alguns homens que julgam ter a idade da razão não estranharam ao rei a sua inacção? Outros não o compararam a Henri-que IV, observando que para conquistar a sua coroa este grande príncipe pôde alcançar outras armas alem dos escriptos e das declarações? Mas visto que se acham na veia do espirito, por que não estranharam ao rei de não ter conquistado a Alemanha e a Italia, como Carlos Magno, para ahí viver nobremente, esperando que os Francezes queiram escutar a razão?

Hoje vão soar a hora decisiva. Dizei a todos os que soffrem, repetiremos com Maistre, que a obra de reparação váe começar; dizei aos operarios das cidades, aos trabalhadores dos campos, ao commenciante, e ao pequeno lavrador que a revolução os opprime por que ella é a obra de todos os vicios, e que os vicios são precisamente o carrasco do homem. Pela razão contraria, o restabelecimento da monarchia, longe de produzir os males que se receiam para o futuro, fará cessar os que hoje os consome, e não destruirá senão a destruição.

Um bem estar universal annunciara a presença da monarchia. Não haverá violencias; o rei tocará os negocios do Estado com mão paternal; o restabelecimento da monarchia, a qual chamam contra revolução, não será uma revolução contraria, mas sim o contrario da revolução. Demais, não é permittido a ninguem duvidar d'estas palavras. «Eu sarei fiel ao meu juramento de não ser nunca rei de uma facção ou de um partido. Eu não tenho nem injurias a vingar nem inimigos a evitar, nem riquezas a refazer, salvo as da França como tolerancia ou privilegios para os outros, eu que não passo outro senão o de consagrar a minha vida á segurança e á felicidade da França, e de soffrer com ella, antes de partilhar com ella de suas honras.»

Terminamos ainda com esta citação do illustre auctor das Considerações sur la France: «Povo francez, não te deixes seduzir pelos sobrismas de interesse particular, da vaidade ou da cobardia. Entrega-te sem receio e sem reserva do instinto infallivel da tua consciencia. Queres levantar-te aos teus proprios olhos? queres adquirir o direito de te presar? Queres ser soberano? chama de novo o teu soberano!»

Ab. de Badis de Cugnanc.

d'affrontas. Alegrai-vos, estremecei de prazer então, porque uma grande recompensa vos é reservada nos céos.

Pois, por cá o lavrador, que guarda illesos os costumes de seus avós, vai, com sua família, encher o presbyterio aldeão, que os philosophos da cidade não puderam infectar com a peste da sua sciencia.

Por cá a filha dos campos colhe flores agrestes, como em dia de noivado, para desfolhar na penha do Cruzeiro, que se ergue ha seculos, entre a sua habitação modesta, e a igreja, onde, menina recebeu o sacramento do baptismo.

Por cá enchem-se os templos de familias, e as familias de creanças, quando um homem de virtude, em nome de Deus, estende o braço profetico, e aponta a aurora do dia final, que nascera ao som da trombeta do Archânjo.

Que esbraveje em impotentes furias o espirito das trevas! Que os soberbos da impiedade se contorcem entre as ruínas do seu edificio da impiedade!

A missão é o anjo da luz. A missão é o som da tuba de Jásué, que faz ruir os muros d'esta Jericó irreconciliavel com o Eterno. A missão é a que hade regenerar esta geração, que está sepultada no profundo lethargo da indifferença religiosa, que é o ultimo somno das sociedades antes da sua morte. A morte das sociedades—hem a sabeis—é a anarchia, o sangue dos irmãos, a agonia da nacionalidade, a servidão. A morte das sociedades é Babylonia, é Gasa, é Moab, é Tiro. É a França de Robspierre.

Bemdito seja o Missionario, a cuja prece as portas do céo se abriram para tantas almas!

Terras de Bouro 12 de janeiro de 1883

J. A. R.

ESTRANGEIRO

Os jornaes francezes continuam a occupar-se da prisão do Príncipe Napoleão e das propostas do governo para o expulsão das familias que tem reinado em França. Ao mesmo tempo, os jornaes governamentais, para auxiliarem o covarde projecto do governo, de perseguições e de espariamentos, inventaram uma *pavorosa*, denunciando que o partido legitimista se occupa de uma vasta conspiração, tendo legiões formadas em diversos pontos da França, milhões e milhões nos bancos inglezes, e não sabemos quantos outros elementos capazes não só de subjugar a França mas de emprender a conquista de todo o mundo.

Muitos jornaes serios mesmo do partido liberal dão a esta galga o valor que ella merece.

Tão ridiculo foi o invento do governo, tão disparatado, que elle se viu a braços com a irrisão publica, e depoz o poder.

Está portanto demittido o ministerio. Antes da queda total do governo, os ministros da guerra e da marinha tinham dado a sua demissão, como protestando contra as violencias e illegalidades dos seus collegas.

O novo governo acha-se constituído. Foi encarregado de sua formação Falliers. Ficaram nas pastas dos estrangeiros M. Tirard, na da marinha Mahy, e na da guerra General Thibaud.

Em quanto ao processo Napoleão, o juiz competente não encontrou motivo para o proseguimento. A sentença porém não foi publicada, por se esperar que o parlamento aprove as medidas propostas pelo governo, cujo projecto tem maioria na commissão respectiva.

Estas são as noticias de mair vulto até á data em que estamos escrevendo. É possível que ellas offereçam maior interesse á ultima hora; o que mesmo é de esperar attendendo-se a que os acontecimentos se estão precipitando em França de um modo prodigioso, e que de dia para dia, o mais insignificante incidente transforma a face da politica.

CORRESPONDENCIAS

EXPLICACOES

Damos em seguida publicidade a uma correspondencia de Londres do nosso respeitado amigo e dedicado correligionario o Exm.º Sr. Antonio Ribeiro Saraiva.

Um fatal descuido deu lugar a que houvesse troca da correspondencia que s. ex.ª destinava ao nosso numero de 30 de Dezembro e uma carta particular de s. ex.ª ao redactor em chefe da nossa folha: de modo que sahio publicada a carta particular de s. ex.ª em lugar da correspondencia, e esta mesma foi inserida sem ser revista, pela precipitação com que foram n'aquella occasião feitos os nossos trabalhos typographicos.

Quem conhece de perto a vida da imprensa, facilmente deduz como se podem dar ás vezes casos identicos.

Isto porém não nos salva do desgosto de termos involuntariamente concorrido para que fosse feita uma grave injustiça ao nosso venerado e apreciavel correspondente.

Lamentamos o facto e d'elle nos penitenciamos pedindo desculpa a s. ex.ª por o termos com tanta razão magoado, ainda que sem intenção.

Londres 6 de Janeiro de 1883

Exm.º e Querido Amigo.— Acabo de receber a Cruz e a Espada n.º 49 de 30 do ultimo Dezembro; e confesso fiquei um tanto desapontado por n'ella não encontrar ao menos alguma leve menção da despedida e demissão que me deu o *Combricense* (isto é, o sr. Martins de Carvalho) por causa da minha carta particular, que V. inseriu tão proeminente na mesma Cruz e a Espada de 23 de Dezembro, n.º 48.

Ao inserir assim uma carta particular, escripta com a maior presteza, e sem a ideia de que tivesse de apparecer em publico; ao menos cominha modificar expressões que se podem escrever particularmente, mas que não soam bem, nem acreditam a delicadeza e discrição do correspondente que assim as enviasse para o prelo.

Por outra parte, só tenho razão de queixar-me ainda de que se commettessem tão ligeiramente os dois erros capitães, do primeiro dos quaes o sr. Martins se queixa (com pouca razão) ainda que não fosse o erro, por não desculpavel, dos compositores, quando porém, estava a espera (expressão que alli nenhum lugar tinha), por *atira á espera* fraze proverbial, evidentemente correlativa ás *esperanças* que logo seguem—e que, porisso mesmo, que sam o complemento do proverbio, atenuavam o que o Martins tomou (assás irreflectidamente) por um grave insulto.

Não foi, porém, este o erro mais grave dos compositores e do corrector se o houve), na publicação da minha carta; e o outro é nada menos que reversar o que eu queria dizer, imputar-me a mim a mais escandalosa e cynica declaração! e se não veja-se— escreve (ou imprime) a Cruz e a Espada: « e fala assim, quem lhe não CREA-RA a Elle, El-Rei, se não desfeitas e injustiças, o mais graves até, e miseráveis. » Logo eu não creei a El-Rei senão desfeitas e injustiças?!

O que eu escrevi foi: « quem lhe não de-vera a El-Rei senão desfeitas e injustiças; o mais graves até e miseráveis; mas que lhe não imputo a Elle, etc. » Parece-me que o substituir assim a palavra *creara* em lugar de *devera* faz alguma differença?...

Ora, duvido que um Corrector capaz e sensato, deixasse assim passar um absurdo semelhante á minha carta!...

Quero ser justo inteiramente, como sempre procuro ser-o em tudo: e porisso direi que (graças ao meu hábito de guardar copia integral e de mais a mais *fac-similê*, do que escrevo), confesso, que não ha duvida, estar muito indistincta a palavra *devera* (ou *devia*) a Elle El-Rei, senão desfeitas e injustiças (o que é infelizmente verdade); mas parece-me que qual quer censor competente não interpretaria de maneira tão absurda a palavra indistincta na minha carta.

Vejo que a nossa Liberrangada periodiquera embirra com *gremios* até de *senhoras*. Se fosse uma bonita Maçonaria *feminina*, onde qualquer Angelina fosse pregar e assoalhar sua philosophia (com 2), isso, sim, que merecia applausos da nossa Maçonaria, que veio direitinha de França, e é do mesmo genero que a d'ahi—como explicou no *Commercio do Minho* de 30 do passado Dezembro ultimo—e que todos os papéis Legitimistas e Religiosos deviam copiar fielmente.

A. R. Saraiva.

Londres, 18 de Janeiro de 1883

(Do nosso correspondente)

Li com grande attenção, interesse e prazer, A Cruz e a Espada n.º 51, de 13 do

corrente, hontem á noite recebida, pela ultima entrega do correio. E por isso mesmo que tanto me contentou, a varios respeito; desejava não encontrar n'ella nódoas, que, por effeito da peste revolucionaria, com que a nossa Patria tem sido, e está sendo, infectada, ha meio século, conspurcam as folhas Legitimistas—ou sós verdadeiramente Portuguezas.

Ninguém ignora, que as palavras—a linguagem—sam o vestido das idéias; e assim como a gente se riria d'encontrar n'uma rua ou praça de Braga, de Coimbra, ou de Lisboa, um Portuguez conhecido, vestido á Chinez ou Japoneza; com razão um Portuguez legitimo torce o nariz a expressões heterogêneas e falsas, introduzidas na linguagem Legitimista; e que degradam, que abatem, a nobreza, a superioridade, o capricho honrado, da verdadeira opinião e maioria nacional.

A Nação—cuja existencia a mim se deve, no sentido de eu haver creado as circunstancias que a fizeram nascer—evitou, por muitos annos, toda admissão d'expressões degradantes da legitimidade da linguagem politica nacional. Durante esse tempo escrevi eu muito para ella; como pode provar qualquer colleção da mesma. Não se abatia (salvo, talvez, se alguma expressão escapou por acaso a algum escriptor ou correspondente) o povo, a verdadeira maioria, a Nação Portugueza, em fim, á mesquinha categoria e denominação de «partido»—como hoje se faz insensata ou levemente.

Partido sam (em Portugal) os adversarios da Legitimidade e Constituição Nacional; que com isso deixam de ser Portuguezes verdadeiros; ficam sendo uns animaes hybridos, como os machos e as mulas—*uns machos e mulas politicos*, já se entende.

Tratar a *Comunhão Legitimista* de «Partido» é abatel-a ao nivel d'essas facções que tem arruinado a Nação; é pôr-se ao par d'ellas; é renunciar á legitimidade e á nobreza da *Comunhão Legitima Portugueza*.

Brusch, Gomes d'Abreu, João de Lemos, só talvez por um lapsos occasional, é que applicariam á Nação Legitimista o nome de «partido». Eu proprio—sem querer isentarme da possibilidade de um descuido—creio que difficilmente commetteria semelhante inattenção. Uma *Comunhão* nobre pode ser abatida, opprimida, pela força, pela violencia; mas não deve deprimir-se ella propria, applicando-se uma denominação que lhe não pertence.

Mas ha cousa peor, mais miseravel. Com que direito, ou *decencia*, se denominam «Córtes», as assembleas revolucionarias e corruptas, que infectam a casa de S. Bento?!. Onde está a semelhança entre a dignidade e independencia dos Membros de nossas Córtes verdadeiras, com o bando dos palradores actuaes? «A seis pintos diarios alugados.»

Que buscam, por toda a sorte d'intrigas e manobras ir a S. Bento, ganhar a *espórtulo*, e sancionar *emprestimos*?!. E dar a essa *Patuscada* o nobre nome de *Córtes*, respectado e venerado ha oito séculos, e de que nossa Patria tanto e tão legitimamente se honrava?!

Assim é que, confundindo as palavras, se vam confundindo e corrompendo as idéias; se vai estragando a lingua; se vai apodrecendo quanto era nobre e legitimo com nossa Patria!

Como é que a *Comunhão Legitima*, ou Legitimista, se abate a chamar-se «partido»?

Como é que assim se abaixa ao nivel dos degenerados Portuguezes, que já de taes só tem o nome (usurpado), e a lingua, que deturpam?!

Querem, é verdade macaquear este Paiz, á Inglaterra. E porisso, no *Patrorio*, tem *Direitas e Esquerdas; Ministerialismo e Opposição*.—Tudo macaqueies, tudo imitações—salvo no que é nobre e independente!

Em nossas Córtes verdadeiras—e nas *genunas*,—os Representantes da Nação não eram assalariados; eram, como aqui os Membros do Parlamento, pessoas de fortuna e independentes; e quando, em alguma das constituencias, os cidadãos eleitores entendiam, que lhes convinha nomear, para seus Procuradores, pessoas que tinham poucos meios seus pecuniarios para virem representar suas localidades, e advogar os interesses destas ou do Reino; votavam-lhes e davam-lhes para isso um subsídio, pago pelo circulo ou districto que viuham representar.

Aqui não votam taes subsídios aos Membros eleitos, porque os não precisam; sendo elles por si bastante ricos para virem ser legisladores á sua propria custa; mas

se algum candidato desejado pelas constituencias precisasse subsídio; sem duvida alguma o circulo que o elegesse lh'o forneceria, e não o Estado—para que deste e do Governo se conservasse independente.

Vamos porem a uma differença essencial; pela qual eu tenho tanta aversão a que entre nós a *Comunidade Legitimista* se appellido *partido*.

Aqui os Partidos, ou da opposição ou Governo, ou Tory, ou Whig, ou Radical, só differem no maior ou menor grau de franquia ou liberdade em certos pontos ou doutrinas; mas todos elles reconhecem e acatam a mesma constituição, as mesmas instituições, o mesmo Soberano, ou Soberana; todos elles sam Inglezes, e acatadores da mesma constituição, como da mesma Corôa.

Por consequencia aqui, a palavra *partido* não degrada ou desvirtua; não constitue antagonismo politico fundamental. Entre nós a cousa é differente: a Nação de um lado; e o Partido Mindelleiro do outro, sam incompatíveis.—Eis alli porque não posso tolerar a paridade da denominação—especialmente quando se usa emphaticamente, significando a *communhão* ou Nação Legitimista— a verdadeira Nação Portugueza—que não é um «partido.»

II

Tambem eu senti bem sinceramente a perda do honrado e habil D. Jorge Eugenio de Locio, que ultimamente tinha aberto os olhos á meu respeito; ainda que, por uma desattenção acinte, e o mais desmerecida, para comigo, não escrevi mais uma linha para a Nação durante *doze annos*. (É notavel que falleceu quasi ao mesmo tempo, outro homem honrado, amigo d'elle, (Antonio Corrêa d'Araujo) que fora causa innocente d'aquella minha indisposição e ressentimento contra elle D. Jorge e contra a Nação.)

Direi brevemente as causas do meu justo e forte ressentimento; e por tal occasião, explicarei a razão porque, mais de uma vez, me queixo dos senhores Lisboaetas; a quem se deve o ter-se frustrado, ou impedido a Restauração da causa legitima nacional, e d'El-Rei; que eu tinha por assim dizer, *resuscitado*, em 1842 e 43, até 1851.

Resenti-me de veras, pela desattenção acintosa de recusar-se, em a Nação—para quem eu tanto havia escrito, e que indirectamente, a mim devia a sua existencia—uma peça longa, difficil de traduzir bem, e n'aquella conjuntura muito importante; a qual eu tinha vertido com esmero, de proposito para a Nação; julgando fazer-lhe n'isso um grande obsequio.

Era a tradução da *Presse e Protesto* apresentado ao Pontifice, pela grande Deputação, que, com o Duque de Norfolk, á testa, d'aqui tinha ido então a Roma, protestar á sua Santidade a constante adhesão e fidelidade dos catholicos Inglezes; não obstante á perda e escandalosa usurpação Piomonteza, que acabava de ter lugar.

Fiz, como disse, esmeradamente a dita longa e não muito facil traducção; e a remetti á Nação crendo fazer-lhe um mimo. Pois, com grande estranheza minha, não a quiz D. Jorge (ou quem presidia á Nação) inserir; e tive de fazer de novo o trabalho, que não era leve da traducção: remetendo-a então ao *Campeão das Provincias*, que prompta e obsequiosamente a publicou. Foi desde então que não quiz mais escrever para a Nação uma só linha até meado do anno proximo-passado.

O mesmo D. Jorge evidentemente reconheceu que me tinha feito injustiça; cujas causas a elle eram estranhas, e em que fóra illudido e enganado, fosse por quem fosse, dos Lisboaetas que então dirigiam tão brillantemente os destinos da Causa, e que o habil Rodrigo da Fonseca Magalhães (que creio ainda viva, ou tinha morrido havia pouco) chamava *Governo do Congo*; de que escarnecia e zombava—o que nunca fez de mim, em quanto os imbecéis Lisboaetas, de accordo com o Barbeiro, me não vieram fazer indignamente demittir, em 1851—para trazerem elles a Causa Nacional ao florecente estado em que se encontra.

Convirá mais saber:—Que por essa mesma occasião (o principio mesmo de 1871), um *Patife* de Taboaco, a quem eu com grande sacrificio meu, aqui saquei do maior embarço e difficuldade; não só me roubou, mas, em vez de deitar no correio simples e promptamente, como eu lhe tinha pedido, uma carta minha; em que indicava, como alguém me devia dirigir suas communicações, da natureza a mais importante e confidencial; guardou a dita carta *doze dias* na sua mão, e foi então entregal-a

a um nobre cavalheiro Legitimista, para que este a enviasse para Lisboa. E de uma carta cujo effeito devia ter logar em poucos dias — que era trazer-me seguramente as noticias de uma preparação e disposições importantissimas, d'elementos que creio decisivos, para effectuar-se então um movimento restaurador, — só vim a ter accuso de recepção dois mezes depois!... Tinha, sem duvida, antes de ser entregue a seu dono, sido aberta, discutida, dado logar a cem conjecturas absurdas e provavelmente a uma improvisada viagem a Brombach, de Pinto Coelho, a induzir a Rainha a contradizer o que acabava de me ter escripto e assegurado; e a trocar-me por elle proprio e por seus habilitissimos afilhados.

Os progressos de *caramujo* que a Causa Nacional foi fazendo desde então até agora; bem demonstram o acerto de todas estas manobras *Lisboetas*: e o que se ganhou com desfeitear e desprezar, e insultar o homem, que, á custa dos mais assiduos trabalhos, privações e sacrificios, tinha ressuscitado, desde 1842, a Causa Nacional á S. Magestade d'El Rei; e tinha rehabilitado a reputação; *emquanto, por El-Rei mesmo, e por quantos em Roma o rodeavam, eram o mesmo homem accusado d'infel, de traidor, e Deus sabe de que mais!*...

Como, em 1851, os mesmos *Lisboetas* aqui vieram desprezar-me, insultar-me e enganar-me, já eu expuz um tanto, no *Canimbricense*, ha mais de um anno, creio. O que a causa legitima com isso ganhou patente no *progresso* (*retrogrado e gradual*) que a causa Legitimista fez desde então até agora.

Aproveitando-se do Casamento d'El-Rei, que só a mim era devido (como posso irrefragavelmente provar); depois de me insultarem e enganarem tãoamente; de fazerem que El-Rei me compromettesse com Lord Palmeston (com quem eu estava então em óptima intelligencia — não obstante a chalaca e sarcasmo alvar do snr. Fernando Pedroso, no *Canimbricense* ha cousa de um anno); julgando, que agora casado El-Rei, estava tudo feito; já nada se precisava de mim, e podia eu ser mandado impunemente á *tabua*; — tomaram os senhores *Lisboetas* a Causa em suas habéis mãos, e a trouxeram ao próspero estado em que se encontra!...

Bastará, por hoje, pois vai já largo este improviso; mas não se creia que deixo de ter muito mais assumpto da mesma casta que expor e que provar; quando tenha vontade e vagar.

A. R. Saraiva.

A ULTIMA HORA

As noticias de França chegadas no ultimo correio, descrevem com véo funebre o estado da republica d'aquelle maldadado reino; espera-se só pelo momento de se ouvir o grito — Salve-se a França e viva o Rei!

O imperio de satanaz está prestes a cair no lodçal da ignominia e da deshonra. Só tem vermes. A corrupção apoderou-se de todo o seu organismo.

Tal vida tal morte!

NOTICIAIRO

Memorias do Sameiro.—Este importante livrinho, ou a descripção fiel do monumento do Sameiro, vende-se em casa do thesoureiro da Confraria o snr. João Baptista Gomes Ferreira, na rua dos Capellistas, e na sacristia da Capella do Sameiro pela quantia de 400 rs. — contem uma narração fiel de tudo quanto se tem feito desde os primeiros dias em que o sabio e virtuoso sacerdote Martinho Antonio Pereira da Silva, de saudosa memoria, planejou a erecção do monumento consagrado em honra e memoria da difinição dogmatica da SS. Virgem, pelo immortal Pio 9.º

E' um trabalho de muita importancia e de reconhecido merecimento pela sua boa ordem e coordenação, tudo devido á muita illustração e zelo do Reverendissimo snr. Manoel Martins Aguiar, devoto dedicadissimo da SS. Virgem.

Recomendamos a todos os catholicos este interessante livrinho.

Não lhe mechas Margarida, que e' peor.—O nosso illustrado collega do *Constituinte*, principia o seu artigo que nos dedicou no seu numero passado, com a *cantillena* que nos serve de epigraphe.

Muito bem. Não lhe toques Margarida dizemos nós.

Agora, uma só pergunta, que é de todo innocente.

O collega tem relações intimas com a tal sujeita? sim, ou não, responde e, caso affirmativo, peça que lhe não toque. Sim?

Tem razão.—O *Constituinte* queixa-se de que Braga não tenha arcebispo, e que o vigario geral de Bragança não queira acceitar as parochias que lhe foram annexadas, e assim andam errantes, sem pastor. Tem muita razão; isto não deve continuar; mas de quem é a culpa? Talvez da associação catholica: não é não: é dos governos liberaes que de ha muito trazem a igreja sujeita aos seus caprichos. O snr. ministro das justicas quer fazer de Papa e agora está á espera que os collegas o tirem do *fosso* onde cahiu.

A legitimidade e o liberalismo.—Recebemos este importante folheto, obra do nosso amigo e correligionario, o Exm.º Sr. João Chrisostomo Correia Guerreiro, cavalleiro muito illustrado, de Ponte do Lima.

S. Ex.ª revela no seu bello folheto grandes conhecimentos de historia, e descreve com clareza e primor, o que é a legitimidade e o liberalismo.

Custa 240 rs.

Agradecemos. No logar competente vae o annuncio.

Relatorio.—Recebemos e agradecemos o do Banco Mercantil, d'esta cidade. Este estabelecimento bancario, o 3.º que se criou nesta cidade, tem passado por bastantes phases pouco lisongeiros, devidas ás circunstancias de uma tremenda crise que abalou de um modo assustador todos os estabelecimentos bancarios, ainda os da primeira ordem: porém, graças ao zelo, actividade e intelligencia de seus honrados directores, vae caminhando agora n'um periodo mais esperançoso, e em breve segundo a rápida leitura que fizemos do seu relatorio, desaparecerão todas as difficuldades com que tem luctado. Estimamos, as suas prosperidades.

OS NOSSOS ASSIGNANTES DAS PROVINCIAS

Está a findar um anno que o nosso jornal viu a luz da publicidade, e, como desejamos regularisar a escripturação do mesmo jornal, pedimos aos senhores assignantes que estão em divida, a fineza de mandarem satisfazer suas assignaturas até ao dia 29 do corrente mez de janeiro, pois, resolvemos suspender a remessa da *Cruz e a Espada* a todos aquelles que não mandarem satisfazer.

O nosso jornal vive sómente do favor de seus bons assignantes.

ANNUNCIOS

Arrematação

Pelas dez horas da manhã do dia quatro do proximo mez de fevereiro, á porta da salla do tribunal judicial d'esta cidade, situado no largo de Santo Agostinho, tem novamente de andar em praça, segundo a deliberação do respectivo concelho de familia e interesses, no inventario por morte de Manoel Fernandes Duarte, morador que foi n'esta cidade, a seguinte propriedade imobiliaria: Uma morada de casas de dous andares, com quintal, designada pelo numero policial quatro a quatro C, sita no campo dos Remedios d'esta cidade, de natureza alludial; confronta do poente de nascente com o campo dos Remedios, poente com predio de Manoel José Ignacio, norte com dito do abbade de Lamações e sul com predio numero tres, pertencente ao Hospital de Sam Marcos d'esta cidade e com a rua dos Falcões, avaliado em dous contos e quinhentos mil reis e entra em praça pela quantia de um con-

to e oito centos mil reis; visto não tem havido lançador na praça annunciada por edital de dezenove de dezembro findo. Pelo presente são tambem citados os individuos e credores incertos que se julguem com algum direito á propriedade a arrematar para ficarem scientes do dia, hora local da arrematação e deduzirem seus direitos, pena de revelia. Da certidão da respectiva conservatoria consta que os seus onus ou hypothecas que pezam sobre a propriedade referida são: a quantia d'um conto de reis de que é credor Manoel Marques da Silva Pereira, da rua de Sam Geraldo d'esta cidade; duzentos mil reis, resto de maior quantia, de que é credora D. Thereza Emilia Fernandes Calheiros, da rua do Carvalhal d'esta cidade; e finalmente, quatrocentos sessenta e dous mil cento e noventa e cinco reis a João Antonio da Cruz da rua da Oliveira d'esta cidade. Braga 23 de Janeiro de 1883.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

O Escrivão do 4.º officio

José Clodomiro Telles da Silva Menezes.

(108)

Vende-se uma casa na rua Nova n.º 51, e que faz quina para a rua de Sapateiros; e tambem se vende carro e meio de medidas de milhão; quem pretender falle na rua de D. Pedro V. n.º 102.

(105)

CAFE PURO DE FAVA

Vende-se em pó na rua do Poço n.º 44, preço—500 grammas 340 reis.

Tambem se vende de outras qualidades por preços commodos.

A firma d'este novo estabelecimento, é

CHOCÓFES & COMPANHIA.

Companhia Geral Bracarense

O dividendo do anno de 1882, á razão de 6 por cento ou 1\$500 reis por acção, começa a pagar-se no dia 8 de fevereiro proximo facturo; em todos os dias não sanctificados, desde as 10 horas da manhã até á uma, da tarde, no escriptorio da Companhia, e no Porto em casa do illm.º snr. José Martins Fernandes Guimarães, rua do Almada n.º 82.

Braga 29 de Janeiro de 1883.

A DIRECÇÃO

José Ferreira de Magalhães

Antonio José Pereira Veiga.

Novo horario

João Duarte Pregueiro, faz publico que os carros n.º 23, que tem sahido d'esta cidade para a Senhora do Porto, ficam suspensos desde o dia 3 do corrente, e continuão a sair d'esta cidade para Simaes ás 5 horas da manhã, chega ás 9. e sae de Simaes as 6 da manhã e uma da tarde; chega a Braga ás 9 da manhã e uma da tarde, preços dentro 300 rs. e fora 280 rs.

Braga 24 de Fevereiro 1883.

João Duarte Pregueiro.—NEREADOR-FISCAL, Moreira—REGISTADO, Manso. (110)

Vende-se uma casa de um andar com seu eido de terra lavradia, com vidonho e fructa, tudo junto, tapado sobre si, e muito bem situado no lugar do Vento da freguezia de Lomar—Para tractar com José Bento de Barros, no largo de Santo Agostinho. (106)

Maria da Conceição Costa, com exame de instrucção primaria e francez, lec-

ciona estas disciplinas e habilita para os ditos exames. Tambem lecciona piano, em sua casa na rua Nova de Souza n.º 9, em casa das alumnas ou em qualquer collegio de meninas. (101)

Vendem-se os bens da Torre Ramalhosa da freguezia de Priscos deste concelho de Braga, os quaes se compoem de cultura e grandes bravios de matto, de vezas e pinhaes; para tratar-se com seu dono, José Joaquim de Almeida, rua dos Capellistas numero 20-2.º andar, ou no escriptorio d'esta redacção.

Arrematação

No dia quatro de fevereiro futuro, pelas 10 horas da manhã, á porta lateral da Sé Primaz, proceder-se-ha, perante a meza da Confraria de N. Senhora do Rozario, á arrematação dos lóros vencidos no S. Miguel do corrente anno economico, pertencentes á mesma Confraria, na capella da qual estarão patentes as condições da arrematação e se darão os esclarecimentos necessários; o que assim se faz publico por ordem da dita meza. Braga, 27 de janeiro de 1883. O secretario—Padre Francisco Maria L. P. Lobo.

Nova Caza Penhorista Bracarense

9, RUA DOS SAPATEIROS, 9

Previne os seus freguezes que estejam em debito de mais de 3 mezes de juros, a virem satisfazer-os, do contrario serão vendidos os penhores como melhor convier ao estabelecimento.

Na mesma caza se vende relógios de prata, roupas e diversos objectos, assim como uma machina de costura; e continúa a emprestar dinheiro sobre ouro, prata e roupas. Juro modico.

A Legitimidade e o liberallismo

JOÃO CHRYSOSTOMO CORREIA GUERREIRO.

Contem, o que seja a legitimidade e o liberalismo; diferentes fracções deste e seus principios; que o liberalismo é filho da monarchia, e inimigo da Igreja; e os males, que nos tem causado; que o socialismo e communismo é consequencia do liberalismo; que só a Religião Catholica nos pode preservar delles; tracta da nossa antiga constituição, e reformas, de que carece; das reformas em todos os ramos da administração para haver economias: dos meios que tem o partido legitimista para remediar os nossos males, etc.

Vende-se em Braga em caza do snr. Manuel José Vieira da Rocha, em Guimarães na Livraria do snr. Teixeira de Freitas, no Porto na Livraria de Clavel e Companhia, na Covilhã em caza do snr. Luiz Antonio de Carvalho, e em Coimbra em caza do snr. João Marques Perdigão na rua do Corvo n.º 6 a 12.

Preço.....240 réis.

Precisa-se de um rapaz de 12 a 14 annos que saiba lér, escrever e contar, para negocio de armação e cera.

Trata-se n'esta redacção.

Domingos Ribeiro de Castro

19—RUA DO SOUTO—19 BRAGA

Chegou um completo sortido de oculos e lunetas tanto em vidro como em crystal, com aro e sem elle para vista cansada e miúpe.

Preços baratissimos, sem competidor (97)